

Telenovela de época: retrato histórico dos portugueses no Brasil¹

Elaine JAVORSKI²
Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo

A representação atual dos imigrantes portugueses no Brasil é fruto de uma construção que se inicia com a chegada das caravelas e a colonização da nova terra. Nesse sentido, a história apresentada pela literatura, primeiro, e mais tarde pelas telenovelas de época, contribui para a composição de determinadas imagens desses estrangeiros e suas relações com o passado brasileiro. Este trabalho objetiva entender de que forma os portugueses são retratados nas telenovelas históricas de emissoras como Excelsior, Manchete, Globo, Record e Bandeirantes, observando o fluxo migratório dos séculos XVIII, XIX e XX.

Palavras-chave: telenovela; imigrantes; portugueses; telenovela histórica; telenovela de época.

Introdução

A representação atual dos portugueses no Brasil está centrada em diversas memórias coletivas e históricas construídas a partir de diversas fontes, entre elas, a ficção literária, e mais recentemente, a ficção seriada televisiva. As telenovelas constroem, por meio de uma aproximação diária com o público, determinadas imagens da sociedade e de seus membros. “Ela entra na composição da nossa cultura como reflexo e refração, numa dinâmica em que o segundo termo pode reafirmar caminhos ou sugerir atalhos para a compreensão da realidade e das possibilidades de modificá-la” (MOTTER, 2004, p. 264-265). No caso das telenovelas de época e/ou históricas, a visão do passado se dá a partir de uma interpretação baseada em fatos reais e ficcionais, mesclados em uma narrativa dramática muitas vezes norteadas pela adaptação de obras literárias. Nesse sentido, as imagens referentes aos imigrantes, nesse caso os portugueses, são criadas e recriadas a cada trabalho. É justamente essas imagens que este artigo pretende analisar. Parte de um trabalho maior, que cataloga todos os personagens portugueses da história da telenovela brasileira, esse trabalho propõe uma reflexão sobre o personagem histórico, suas características e sua contextualização no fluxo migratório aberto

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Ciências da Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, email: elainejavorski@hotmail.com.

entre Brasil e Portugal com a colonização.

Dentre os mais de cem personagens portugueses encontrados nas telenovelas brasileiras das emissoras Tupi, Excelsior, Manchete, Record, Bandeirantes, SBT e Globo, através de fontes como bases bibliográficas e sinopses dispostas em guias virtuais das redes, bem como visualizações de capítulos, 46 fazem parte do elenco de telenovelas de época. Este trabalho discorre brevemente sobre a caracterização desses personagens e sua relação com a realidade migratória do século XVIII, XIX e a primeira metade do XX. Não há referência a obras do período anterior ao século XVII porque, em termos de telenovela, não há nenhum registro de produções que se refiram ao descobrimento do Brasil e os anos subsequentes. A única obra que alude ao período anterior ao século XVII é a microssérie *A invenção do Brasil* (2000), da Globo, que mostra o período das Grandes Navegações e conta a história de amor entre Diogo Álvares Correia (Selton Mello), o Caramuru, português que viveu no Brasil no século XVI, e a índia Paraguaçu (Camila Pitanga). A série fez parte das produções exibidas pela emissora como parte da comemoração aos 500 anos do Descobrimento do Brasil.

Embora a pesquisa abranja as emissoras mais importantes em termos de dramaturgia, é importante observar o domínio da Globo como maior produtora de telenovelas de época devido ao empenho técnico e ao alto custo nesse tipo de produção. Esporadicamente, outros canais entravam na concorrência com a emissora carioca, como foi o caso da Manchete, Record e Bandeirantes.

A telenovela de época e o resgate da “brasilidade”

A literatura deixou heranças importantes para as histórias contadas na ficção televisiva. Desde a instalação da primeira emissora, primeiro nos teleteatros, depois nas chamadas telenovelas de época e minisséries, o texto literário foi amplamente utilizado. Segundo Guimarães (1996-97), entre 1953 e 1994 foram exibidas 223 telenovelas adaptadas de romances literários, o que corresponde a mais de um terço de toda a produção desse período. Embora no início, entre 1952 e 1975, as obras de referência tenham sido clássicos da literatura internacional, houve uma abertura cada vez mais importante para obras nacionais. A partir de 1975, um horário específico, das 18 horas, é destinado às telenovelas adaptadas na Globo, o que valoriza esse tipo de produção. Isso foi possível com um maior domínio da linguagem, que facilitou a organização das histórias para a televisão. O contributo mais importante nesse sentido foi a implantação de uma política de valorização da cultura nacional. O Ministério da

Cultura, por meio do documento “Política Nacional de Cultura”, daquele ano, estimulava a criação de obras nos mais diversos suportes, o que incluía a televisão. Ao mesmo tempo que se tentava resgatar a literatura brasileira, a telenovela vivia uma revolução com os textos atuais que mostravam a realidade contemporânea. Os dois estilos caminharam juntos ao longo das décadas. “Se às telenovelas originais cabe representar o Brasil contemporâneo, às adaptações cabe apresentar ao telespectador o Brasil histórico” (GUIMARÃES, 1996/97, p. 198).

No fim dos anos de 1970, as correlações entre telenovelas e romances de autores nacionais passam por um momento diferente (REIMÃO, 2004). Até então, a literatura nacional, ainda que aparecendo de forma tímida, havia sido importante não somente para apresentar temáticas e narrativas mas também para propiciar às telenovelas mais prestígio, já que ainda era considerada uma arte menor.

No segundo momento, que se inicia em fins dos anos 1970 e se consolida nos 1980 e 1990, parece que as telenovelas nacionais já firmadas como produtos comerciais, como linguagem e como ponto de prestígio da TV brasileira, não precisam mais (nem do ponto de vista narrativo, nem como “aura”) de basearem-se em romances. E, mais do que isso, a partir de então, parece que mesmo quando se têm telenovelas que se baseiam em obras literárias essa origem é cada vez menos enfatizada (REIMÃO, 2004, p. 29).

Ainda assim, as adaptações continuavam a ser feitas, transferindo para a tela alguns aspectos da obra e abdicando de outros.

Uma adaptação de um texto literário para um programa televisivo é, em primeira instância, um processo de mudança de suporte físico. Trata-se da passagem de sinais e símbolos gráficos assentados em papel para um conglomerado de imagens e sons captados e transmitidos eletronicamente (REIMÃO, 2004, p. 107).

Observar de que forma o passado é representado por meio da telenovela implica entender esse passado como um espaço que está ligado ao presente, que é descrito a partir de referências mantidas na memória. O que se mostra quando se produz uma ficção histórica não é a realidade do passado mas o que ele diz sobre o presente (MUJICA, 2007). Nesse sentido, entende-se esse olhar voltado ao passado como uma forma de contemplar um mundo que nunca foi perdido, ou o que Jameson (1989) chama de “nostalgia do presente”. Essa nostalgia se refere às formas que o pensamento pós-moderno usa para escrever sua história baseada em uma nostalgia de tempos antigos em vez de se basear em fatos históricos e reais. Ela ajuda a construir uma visão idealizada da sociedade. A nostalgia, na observação de Jameson do cinema, não é uma representação defasada de um conteúdo histórico. É a abordagem do

passado por uma versão estilística, que o transmite mediante as qualidades brilhantes da imagem e da atmosfera da época que pretende retratar (JAMESON, 1989, p. 40). Sendo assim, e tendo em conta as narrativas sobre os portugueses que superam os livros de história com fatos construídos ao longo dos séculos, é necessário observar os resquícios do senso comum, das imagens literárias e de outras pistas que levam à construção dos personagens tal como se apresentam.

No contexto nacional, as telenovelas de época mantêm uma pretensão do resgate de um sentido de pertencimento. Por meio da narração de fatos importantes da história do país, a televisão acaba por preservar e divulgar memórias que, para algumas pessoas, só são acessíveis através desse meio.

As novelas literárias trazem embutida a ideia de uma recuperação do passado, das raízes e tradição, enfim o resgate de uma brasilidade quer seria repassada para o telespectador através das obras que enfocam diferentes momentos históricos. Em horários menos nobre, este espaço serve também para o aprendizado e o treinamento de novos autores (RAMOS; BORELLI, 1989, p. 97).

Nesse sentido, há uma recuperação do sentido histórico que está não comprometida com a realidade exata dos fatos mas com a forma com que essa realidade é vista e contada pelos autores.

Brasil-Colônia: portugueses em busca de fortuna no século XVIII

A maioria dos personagens portugueses nas telenovelas de época e históricas estão presentes em produções que se referem ao século XVIII e posteriores. *A Muralha* (1968), obra de Diná Silveira de Queirós adaptada pela Excelsior, teve como espaço temporal retratado a passagem entre o século XVII e XVIII, justamente o final do período de imigração restrita (entre 1500 e 1700), quando chegavam ao país apenas donos de grandes propriedades e pessoas que ocupavam posições administrativas da colônia, e o início do período de transição (entre 1701 e 1850), quando houve um incremento no número de estrangeiros. Entre 1701 e 1760 teriam chegado no Brasil cerca de 600 mil portugueses devido ao recuo do império português na Ásia. Nos séculos XVII e XVIII, a América portuguesa passa a ser mais interessante devido às descobertas de ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. É justamente sobre a exploração das minas que trata a telenovela, sendo esta a primeira obra de época a utilizar personagens portugueses. Narrava a história dos bandeirantes em busca de terras no interior de Brasil e os conflitos que culminaram na Guerra dos Emboabas, ocorrido

em Minas Gerais entre 1707 e 1709. A batalha se deu entre bandeirantes paulistas, na maioria mestiços, que queriam a exploração das minas de ouro pelos pioneiros da região e os emboabas, como foram designados os estrangeiros, principalmente os portugueses, estimulados pela Coroa Portuguesa.

A Muralha tem sua trama desenvolvida em volta da família de Dom Brás de Olinto, especialmente com a chegada de Portugal de uma sobrinha, Cristina (Arlete Montenegro), que está prometida a um dos filhos de dele, Thiago. Era comum, na época, que mulheres portuguesas fossem à colônia com casamentos arranjados já que considerava-se que havia uma escassez de mulheres brancas na colônia. Nesse relacionamento foram exploradas as diferenças culturais e de mentalidade entre os personagens, já que o rapaz havia nascido no Brasil. Aspectos da simplicidade da vida no Brasil também surpreendem a portuguesa, que se decepciona com a pobreza do local e sofre demasiadamente com as diferenças de costumes. Evidencia-se também no decorrer da história a ilusão de riqueza nas terras coloniais pelos portugueses pobres que no país chegavam e a incansável busca por materiais preciosos que causava discórdia entre estrangeiros e moradores locais.

A telenovela teve a audiência mais significativa daquela ano na emissora. Anteriormente a história já havia sido exibida em duas versões mais simples, em 1958, na Tupi e em 1963, pela Cultura. Em 2000, produziu-se um *remake* pela Rede Globo, em forma de minissérie, com adaptação da dramaturga portuguesa radicada no Brasil, Maria Adelaide do Amaral, como parte das festividades dos 500 anos.

Outra telenovela ambientada no século XVIII foi *Xica da Silva* (1996), da Manchete, que teve em seu elenco vários atores portugueses. É a primeira obra em que uma atriz negra é protagonista. O ano é 1751 e a escrava Xica da Silva (Taís Araújo) desperta a paixão de um comprador de diamantes que tenta transformá-la em fidalga. Neste período ainda nem se cogitava a libertação dos escravos, de modo que esse assunto não faz parte do enredo. No elenco estão Antônio Marcos (Sr. Pereira), Lidia Marcos Franco (Guiomar Pereira), Anabela Teixeira (Maria da Graça) e Rosa Castro André (Joaquina), que constituem a família Pereira. Como em todo romance histórico desse período, há diversos portugueses e descendentes que não são possíveis de identificar por meio do sotaque ou qualquer outra forma explícita na sinopse. Por isso, em todo esse trabalho, foram analisados somente os que estão caracterizados no *script* ou sinopse como estrangeiros. No núcleo de portugueses dessa obra, há o resgate do estereótipo do homem dos romances históricos coloniais (VIEIRA, 1991) já que o patriarca, Sr. Pereira, dono de um armazém de secos e molhados, mantém um romance

com a mulata Fátima (Iléia Ferraz). Comerciantes que dominavam o ramo de alimentos e seu envolvimento com negras brasileiras foram características intensamente utilizadas na literatura e que, vez ou outra, voltam a aparecer nas telenovelas. O casamento das filhas com homens brancos também é um fator importante a ser observado, já que há um grande preconceito em relação aos matrimônios com negros escravos, ainda que muitas vezes tenham relações amorosas informais como o caso extraconjugal de Pereira com uma escrava e o interesse de Guiomar pelos negros, sempre a observar seus troncos nus. A história também mostra as relações colônia e reino, já que é constante a comunicação, por meio de envio de cartas, entre os marqueses e representantes da coroa no local e Marques de Pombal e o Rei, para relatar os problemas relacionados às lutas de poder na região de Arraial do Tijuco, onde se desenvolve a trama. Um dos dragões, os representantes da lei, era Macário, também vivido por um ator português (Gonçalo Diniz).

No final da telenovela descobre-se que a família portuguesa era judia e que havia fugido de Portugal devido à inquisição. Guiomar e Pereira acabam deportados para seu país. O último capítulo teve cenas gravadas no Palácio do Marques de Pombal, em Portugal. Mesmo com a Manchete à beira da falência, o investimento foi alto e rendeu à produção sua exibição em diversos países do mundo.

O Brasil-Colônia também foi retratado em *A Padroeira*, (2001), da Globo. Assim como *Xica da Silva*, foi escrita também por Walcyr Carrasco e contava a chegada de Dom Pedro de Almeida Portugal, o Conde de Assumar (Antônio Marques), que assume a capitania com objetivo de descobrir novas minas de ouro e aumentar o imposto sobre o metal. Atores brasileiros interpretam personagens como Valentim Coimbra, vivido por Luigi Baricelli, filho de um nobre acusado de trair a Coroa. Com a prisão do pai, sua mãe vai a Portugal e ele fica com o poeta Manoel. Luis Melo interpreta Molina, português de nascença que morou também na Espanha e, depois de praticar alguns crimes, foi deportado para o Brasil. Veste um hábito e faz-se passar por padre. Há também outros personagens, entre os vários de nacionalidade portuguesa, como Delfina (Andréa Avancini), Cecília (Déborah Secco) e Manoel Cintra (Otávio Augusto). Dentre as características importantes a serem observadas nessa produção está a integração entre estrangeiros e locais, principalmente no que diz respeito a Valentim, uma pessoa simples que torna-se amigo dos pescadores. Há também a ânsia pelo desbravamento do interior do país, a descoberta de metais preciosos que aumentou o interesse dos portugueses pelo país e a religiosidade trazida pelos europeus, que é pano de fundo da

história com a descoberta da imagem de Nossa Senhora da Conceição, a Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.

Os portugueses e as lutas abolicionistas no século XIX

Durante o período colonial e seis décadas depois da independência do Brasil, a escravidão impulsionava a mineração e a produção de algodão e cana-de-açúcar. Pouco depois do descobrimento, os portugueses passaram a comercializar escravos capturados na África. O movimento contra a escravidão ganhou força na voz de intelectuais e na rebeldia dos escravos até que em 1888 a princesa Isabel de Bragança assinou a Lei Áurea, que libertava os escravos. A medida fez com que o Império perdesse o apoio dos grandes latifundiários e, um ano depois, a proclamação da República confirmou a decadência das instituições monárquicas.

Esse período importante da história brasileira serviu de inspiração para muitas telenovelas que obtiveram grande sucesso, principalmente fora do Brasil. Como observa Araújo (2000), as produções mais vendidas para o exterior sempre foram as que tratavam do tema abolicionista. *Escrava Isaura* e *Sinhá Moça* bateram recorde, sendo comercializadas para países de diversos continentes como Europa, Ásia e África. Foram também nessas obras que muitos personagens portugueses apareceram interpretados, muitas vezes, por atores dessa nacionalidade. As telenovelas que englobavam esse tema abriram as portas da televisão para esses profissionais. Os primeiros atores portugueses a fazerem parte do elenco de uma telenovela brasileira apareceram em uma obra de época intitulada *Os Deuses Estão Mortos*, na Record, de 1971. João Lourenço, no papel de Paulo, e Irene Cruz, no papel de Tereza, fizeram uma participação especial. A história se passava em Ouro Negro, Minas Gerais, onde duas famílias disputavam a liderança política da cidade: uma monarquista e outra republicana. A telenovela de Lauro César Muniz retrata uma época de crise e transformação social, já que a escravatura havia sido abolida e a República estava iminente. A cantora Amália Rodrigues também fez uma participação na trama interpretando a artista portuguesa Eugênia Câmara, paixão do poeta brasileiro Castro Alves. Foi a partir dessa obra que Lauro César Muniz projetou-se como romancista e mais tarde escreveu *O Casarão*, importante telenovela de época que também trazia personagens lusos.

Na Globo, a participação de personagens portugueses em telenovelas com o tema da escravatura se deu em quatro obras: *Escrava Isaura* (1976), *Pacto de Sangue* (1989), *Força*

de um desejo (1999) e *Sinhá Moça* (remake 2006). As duas primeiras eram ambientadas em Campo dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, na década de 1870; a terceira em Vila de Sant'Anna, lugar fictício situado na região do Vale do Paraíba (na divida entre São Paulo e Rio de Janeiro), na segunda metade do século XIX; e a última em Araruna, no interior paulista, em 1886.

Esse período do final do século XIX compreende a fase da imigração de massa, iniciada em 1851, que contabiliza a chegada ao Brasil de milhões de europeus, levantinos e asiáticos. Segundo o Censo de 1872, os portugueses eram o grupo de imigrantes mais presentes no país depois dos africanos. Para se ter ideia da importância do país como destino para os cidadãos portugueses entre 1855 e 1960, de todos os emigrantes registrados em Portugal, 80% se encaminhavam para o Brasil (BARBOSA, 2003). Enquanto alguns portugueses chegavam para ocupar os postos que seriam deixados pelos escravos³, muitos dos que já viviam no país se envolvem na luta antiescravocrata, como o caso de Corrêa, interpretado pelo ator brasileiro Jonas Mello, em *Pacto de Sangue*. A obra foi uma homenagem aos cem anos da abolição da escravatura e da proclamação da República. Nascido em Lisboa, filho único de uma família pobre, é um profissional do carteadado expulso do país por causa do jogo. Continua sua vida de jogador no Brasil, onde conhece Francisca Matoso (Sandra Bréa), mulher de grande talento para o palco e a quem se associa, fazendo surgir na cidade o cabaré Eldorado. Paralelamente, participa do movimento abolicionista em curso. Sua participação não chega a ser política ou ideológica, mas sentimental, por ter-se envolvido várias vezes com mulheres e famílias negras. O personagem fez parte da trama secundária da novela. Outra presença portuguesa se deu através do vendeiro Carlos Duval, que fez apenas uma figuração com fala.

Outro personagem português que demonstra atitude de apoio aos escravos, embora participe apenas do início da história, aparece na segunda versão de *Sinhá Moça*. O ator brasileiro Celso Frateschi representa Inácio, educado descendente de portugueses que comprou a escrava Maria das Dores e seu filho do Coronel Ferreira e os levou para a capital da província. Ele ajudou a cumprir uma promessa que havia feito a um primo do Coronel que era apaixonado pela escrava e deixou como herança uma casa e dinheiro para que comprasse sua alforria. A telenovela mostra a ânsia de alguns homens brancos em mudar o cenário escravocrata, contexto que se insere o português, libertando os negros ao se passarem por monarquistas e defensores da escravidão.

³No final do século XIX ocorre uma transformação no perfil do imigrante português que passa a ser de origem pobre, um número maior de mulheres e crianças abandonadas ou órfãs.

Os outros papéis interpretados por portugueses não mostram intenções abolicionistas, como é o caso de Eneida, personagem interpretada pela atriz portuguesa Ana Maria Grova em *Escrava Isaura*. Escrita por Gilberto Braga, a telenovela foi adaptada do romance de Bernardo Guimarães e é um dos maiores sucessos da televisão brasileira. Esteve entre as novelas mais exportadas do mundo, vendida para mais de cem países. Contava a história da escrava branca, Isaura (Lucélia Santos) e sua eterna luta pela liberdade e contra senhor Leôncio. A partir dessa telenovela, o tema foi incluído com mais frequência pela Globo. Essa escolha parece ter sido determinada mais por uma questão mercadológica do que ideológica (Araújo, 2000). De fato, foi crescente o aparecimento do tema antiescravocrata nas obras, principalmente nos anos de 1980 em histórias desenvolvidas por autores contemporâneos. Mas a presença dos portugueses aconteceu somente em algumas telenovelas.

Eneida era a única portuguesa com sotaque da obra e representava uma mulher interesseira que cria algumas intrigas em relação à protagonista. Faz um papel secundário e aparece com mais frequência a partir da segunda parte da trama. Como seu pai havia perdido todas as terras que possuía no Brasil, ela se prestou a denunciar o paradeiro de Isaura a Leôncio, que anunciou dar uma recompensa em dinheiro para quem a encontrasse. Entretanto, é enganada por Leôncio e não recebe o dinheiro. No final da novela se diz arrependida de todo mal que fez a Isaura. Eneida também introduz conversas com referências à Portugal. Não há indicações claras no *script*, mas no texto original de *Escrava Isaura* o autor Bernardo Guimarães deixa clara a nacionalidade portuguesa do feitor Miguel, na telenovela vivido pelo ator brasileiro Átila Iório. Ele trabalha como administrador de uma fazenda e ao longo da trama descobre-se que é o pai de Isaura. A filha foi fruto de um romance entre o português e uma mulata que havia sido mucama da fazenda onde mora Isaura.

Em 2004, a Record fez um *remake* de *Escrava Isaura*, e trouxe no elenco Paula Lobo Antunes, atriz portuguesa que viveu Aurora Amaral, filha de mãe brasileira e pai português que nasceu e viveu em Lisboa. Ao chegar no Brasil apaixonou-se pelo primo distante Henrique. Como em *A Muralha*, as diferenças culturais entre a estrangeira e os locais é bastante explorada.

Força de um desejo, tratava, além da Abolição dos Escravos, também da Guerra do Paraguai. José de Abreu fez uma participação especial no papel de Pereira, um comerciante português. Dono de uma loja de mercadorias e utilidades diversas, típicas das cidades pequenas do século XIX. Português interesseiro e trambiqueiro, imigrou ao Brasil para juntar

dinheiro, mas fala muito em retornar a Portugal. É possível encontrar várias cenas nas quais Pereira tenta enganar os clientes.

Das telenovelas ambientadas no século XIX e que apresentavam personagens portugueses, apenas duas não tinham como tema central a luta abolicionista: *Maria, Maria*, de 1978, e *Paixões Proibidas*, de 2006. Esta última foi realizada por meio de uma coprodução entre a Bandeirantes e a RTP, baseada na obra de Camilo Castelo Branco, que retratava a sociedade brasileira nos anos anteriores a 1808, quando a família real portuguesa mudou-se para o Brasil. A trama mostrou também a resistência portuguesa à invasão das tropas de Napoleão Bonaparte. Três histórias de amor eram contadas por meio de aventuras e desventuras. Nove atores portugueses fizeram parte do elenco principal: Virgílio Castelo (Padre Dinis), São José Correia (Elisa de Mandeville), Nuno Pardal (Estevão), Pedro Lamares (Mateus) e Natália Luiza (Maria) e quatro atores no elenco adicional: Hélio Pestana, José Eduardo, Rita Frazão e Julie Sargeant. As primeiras cenas se passam em Coimbra e o final da novela também foi gravado em Portugal. As filmagens aconteceram ainda em Lisboa e Montemor-o-velho, além do Rio de Janeiro e Vila Rezende. A telenovela foi produzida para comemorar os 50 anos da RTP e tinha como intenção transmiti-la para os países de língua portuguesa.

Já *Maria, Maria*, da Globo, escrita por Manoel Carlos, foi baseada no romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha, e ambientada em uma região de garimpo de diamantes em 1860, na Bahia, logo após a seca que ficou conhecida como “fome de 60”. O brasileiro Carlos Duval interpretou o papel de José Moitinho, simpático senhor de cinquenta anos que morava em Mucujê. Depois de alguns problemas resolve ir embora da cidade e tentar a vida na região dos diamantes, no interior da Bahia. Ele abre um comércio onde muitas pessoas frequentam apenas para desabafar seus problemas. Assim como Pereira de *Força de um Desejo*, tem fama de ser trapaceiro e de tentar enganar alguns clientes.

Embora não seja uma telenovela que se passe no Brasil, também as *As Pupilas do Senhor Reitor* (1970), exibida pela Record, é considerada de época e traz personagens portugueses. Não faz parte desta análise pois era ambientada inteiramente em uma aldeia do Minho do século XIX, em Portugal, sem nenhuma referência à realidade brasileira. A adaptação do texto do escritor português Júlio Dinis teve a participação da fadista Amália Rodrigues. Em 1994, o SBT exibiu uma nova adaptação escrita por Lauro César Muniz.

A imigração do século XX: a saída do campo para a cidade

O ano de 1912 é considerado o clímax da imigração para o Brasil, principalmente devido à influência de cafeicultores na política, chamado de República do Café com Leite. A vinda de imigrantes para as lavouras era necessário já que o café precisava de cuidados o ano todo. A histórias desses estrangeiros e sua essencial ajuda na construção do país foi relatada em duas importantes obras: *Os Imigrantes* (1981), na Badeirantes, e *O Casarão* (1976), na Globo. Em ambas as histórias, o imigrante simples, com pouco estudo, vem ao Brasil em busca de trabalho mas encontra muitas dificuldades na sua adaptação. *Os Imigrantes* passava-se na virada do século XIX para XX e tem três protagonistas de diferentes nacionalidades mas com o mesmo nome: Antônio. Um português, um italiano e um espanhol que vivem as transformações políticas, econômicas e sociais do país e a relação com os fazendeiros de café. A narrativa percorre 70 anos de história do Brasil República passando por complexas fases políticas como as ditaduras. Benedito Ruy Barbosa foi o responsável por essa e por outras telenovelas sobre o tema da imigração como *Terra Nostra* (1999) e *Esperança* (2002).

A telenovela é dividida em fases. A primeira, entre 1891 e 1892, na qual Antônio Pereira é interpretado pelo cantor português David Arcaño, mostra a saga dos imigrantes ainda no navio que se dirigia ao Brasil. O português embarca como clandestino para fugir da crise financeira que assolava seu país e também da perseguição política. Os outros dois Antônios lhe dão cobertura na embarcação. Na abordagem dos personagens, o italiano era tido como um romântico que casa-se com Isabel (Lúcia Veríssimo), filha de um rico cafeicultor, e vai viver com a esposa em um casarão da Avenida Paulista, na capital. O espanhol é uma figura anarquista que não se acostuma com a vida no campo e se envolve em movimentos políticos e trabalhistas. Já o português é amante de mulatas e cultivava uma vida com muitos amores e aventuras. Envolve-se com a mulata Biá (Solange Couto), mucama de Isabel, com quem tem um filho. Depois, muda-se para São Paulo onde abre uma transportadora e fica rico. Na segunda fase, a partir de 1917, o português passa a ser interpretado pelo ator brasileiro Othon Bastos. Formam-se os núcleos familiares em torno do espanhol e do italiano, enquanto o português continua a ter casos amorosos e filhos com mulheres diferentes. A terceira fase, entre 1929 e 1933, é marcada pelo nascimentos dos netos dos Antônios em meio à crise mundial de 1929 as mudanças políticas brasileiras. Na quarta fase, entre 1939 e 1946, os imigrantes já estão idosos e David Arcaño volta a integrar o elenco como Quinzinho, herdeiro de Pereira que morre na quinta fase, em 1954. A sexta etapa da obra é intitulada *Os Imigrantes – terceira geração*, uma continuação da trama, e foi ao ar em 1982. Ambientada

entre 1955 e 1960, sem o elo dos três imigrantes, a história é focada nos dramas familiares, entre eles a disputa pela herança de Pereira pelos netos Teca (Solange Couto), Quinzinho (David Arcanjo), Angelina (Lília Cabral) e Tonico (Taumaturgo ferreira).

Os imigrantes de origem simples aparecem também em *O Casarão*, que enfoca o início do século. Narrada de modo não-linear e escrito por Lauro César Muniz, contava, em três momentos diferentes, a história de cinco famílias que instalam-se no norte de São Paulo para cultivar café. Participaram atores portugueses, sendo a primeira obra da Globo a incluí-los no elenco principal. O autor já havia utilizado atores portugueses em sua novela anterior na Record, *Os Deuses Estão Mortos*, e também já havia trabalhado com uma temática dessa origem em *As Pupilas do Senhor Reitor*. Mas dessa vez os personagens ganham mais visibilidade e são, de fato, importantes para a trama. Demarca-se muito bem o período através do perfil dos personagens, condizente com o perfil migratório da época em que se passa a história. Tony Correa viveu Jacintho de Souza, imigrante que chegou ao Brasil em 1895 em busca de uma vida melhor. Analfabeto e carvoeiro desde menino, se dirigiu ao interior de São Paulo onde as plantações de café estavam em pleno progresso. Esperançoso, pensava que a vida no interior seria melhor. Mas suas ilusões de imigrante foram negadas por uma vida difícil, como aconteceu na vida real com milhares de imigrantes que acreditavam que o Brasil fosse a terra das oportunidades. Arrumou um trabalho braçal na construção da estrada de ferro em Sapucaí e, para obter uma renda extra, empregou-se também na Fazenda de Água Santa para ajudar na construção do casarão. Ali encontrou compatriotas trabalhando na lavoura de café e, entre eles, Francisca, interpretada pela atriz portuguesa Ana Maria Grova. Abandona o trabalho na estrada de ferro e decide ficar na região. Apesar do relacionamento com Francisca, Jacintho conhece Maria do Carmo (Analu Prestes), jovem rica, filha do dono da fazenda, e iniciam um romance às escondidas. Em um encontro secreto no rio, ele confessa que não sabe ler e ela decide alfabetizá-lo. O estereótipo do português rude e de poucos estudos aparece como forma de justificar a imigração típica do início do século XX, quando o Brasil incentivou a entrada de estrangeiros para trabalharem na lavoura ocupando, assim, postos antes destinados aos escravos.

Na segunda fase da obra, Francisca passa a ser interpretada pela atriz lusa Laura Soveral. A mulher portuguesa aqui se apresenta como uma pessoa forte, que não se abate mesmo sabendo da traição do marido e luta pelo seu amor. Ao mesmo tempo que aparece como uma mulher que resiste aos percalços para preservar o casamento, também mostra-se submissa ao marido. Fato curioso já que um dos destaques históricos de *O Casarão* é

justamente mostrar a mulher emancipada (ALENCAR, 2002). O pai de Francisca, Joaquim, também português, é interpretado pelo brasileiro Carlos Duval, que aparece em mais duas outras novelas fazendo papel de imigrante luso. É um homem simples, dedicado à lavoura de café. Sua mulher também aparece na trama, mas é apenas uma figurante.

As demais telenovelas de época que apresentavam personagens portugueses no período do século XX foram exibidas pela Globo. *Direito de Amar* (1987) se passa na euforia carioca da virada do século XIX para o século XX. Na noite de passagem de ano dois jovens se apaixonam em um baile de máscaras e a história de amor de desenvolve por toda a trama. Elias Gleizer interpretou Manuel Barbosa, dono de uma grande confeitaria onde se encontram todos os intelectuais e artistas da época. Manél, como é chamado, é simpático, engraçado e seu comércio vai bem porque, além de ser um excelente negócio, tem por trás os cuidados da esposa, Catarina (Yolanda Cardoso). O sonho dele era estar do outro lado do balcão, relacionando-se com as pessoas importantes da cidade. Aparentemente é dominado pela mulher e mantém um ótimo relacionamento com o filho Nelo (Rômulo Arantes), mas vive uma relação difícil com a filha Paula (Cissa Guimarães).

O sentido de nacionalidade na terra de acolhida também é característica dos personagens portugueses do século XX. Em *Esperança* (2002), o ator português Nuno Lopes interpretou José Manoel, que chegou ao Brasil quando criança e que considerava-se brasileiro. A trama de Walcyr Carrasco e Benedito Ruy Barbosa narrou a transformação do Brasil depois da Grande Depressão de 1929, a queda do ciclo de café, e a mudança causada pelos imigrantes que chegaram ao país: italianos, judeus, espanhóis e portugueses. José Manoel tinha família no Rio de Janeiro, onde o pai era um comerciante bem-sucedido. Por escolha própria, fez praticamente todos os estudos em São Paulo e se acha paulista como os demais. Faz parte do núcleo da república dos estudantes que serve como local de debates políticos dos acontecimentos da época. Foi um dos primeiros a se alistar nas forças pacifistas quando estourou a revolução de 32. Seus pais também aparecem na trama, Antônio, interpretado por Luis de Lima, e Antônia, por Beatriz Segall. Também jovem, mas em busca de riqueza, Manoel Victor, de *Vida Nova* (1988), é um aventureiro que vendeu tudo o que herdou dos pais e se mudou para o Brasil. Interpretado por Lauro Corona, queria instalar no país qualquer negócio que não fosse padaria. É bem falante e inteligente, formado em Coimbra. Apaixona pela jovem Ruth (Deborah Evelyn) e passa a história toda em busca dela. Para sustentar-se busca emprego em uma padaria e percebe seu talento com as massas, herança da avó. Porém, quer enriquecer rapidamente e se associa a um libanês colega da pensão. Compra o título de

comendador mas logo perde toda sua fortuna. A novela centrava-se na história de imigrantes europeus, principalmente italianos, que conviviam em um cortiço no bairro do Bixiga, em São Paulo, na década de 40. Lauro Corona faleceu durante as gravações e seu personagem partiu em uma viagem sem volta em um carro preto numa noite de chuva. Sobre essa imagem, uma poesia de Fernando Pessoa é recitada em *off* gravado pelo próprio ator.

Conclusões

Percebe-se, no decorrer dessa análise, que os personagens portugueses históricos retratados nas telenovelas de época, embora recorreram a alguns estereótipos provenientes da literatura, sofrem uma série de transformações ao longo da história do Brasil. No século XVIII, as minas de ouro e diamantes eram os atrativos para que aventureiros deixassem seus países em busca de riqueza. Em decorrência disso, diversos conflitos ocorreram entre moradores locais e estrangeiros, muitas vezes originando estereótipos presentes até hoje na memória coletiva da sociedade.

As diferenças culturais entre portugueses e brasileiros também foi explorada em alguns momentos, como em *A Muralha* e no *remake* de *Escrava Isaura*, tendo como principal alvo as mulheres. A dificuldade em se acostumar ao novo país e a desilusão é mostrada com mais intensidade entre as imigrantes, que também apresentam-se submissas aos maridos na maioria de suas aparições. Já o estereótipo do homem português comerciante e amante das mulatas (explicitamente mostrado em *Xica da Silva* e *Escrava Isaura*) é bastante semelhante ao retratado na literatura como em *O Mulato* e *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo (VIEIRA, 1991). Além disso, o país também é mostrado como refúgio de pessoas com problemas de conduta, que cometeram crimes e delitos na Europa (*Força de um Desejo*, *Maria, Maria* e *A Padroeira*).

Nas telenovelas dedicadas ao tema abolicionista, são comuns os personagens portugueses com uma posição neutra em relação à problemática, ou até mesmo favoráveis à libertação dos escravos. Coincide com esta época a imigração de massa, quando uma grande quantidade de imigrantes portugueses desembarcavam no Brasil, muitos deles para ocupar os postos deixados pelos escravos. Nesse sentido, há uma espécie de versão branda e conciliadora dos conflitos vividos na época, sem expor a subjugação social e econômica dos negros e índios pelos portugueses e europeus em geral (Gomes, 2009, p. 98).

A produção entre Brasil e Portugal para a realização de telenovelas de época também resultou em um reforço nos laços culturais e uma forma de manter viva a história comum,

como foi o caso de *Paixões Proibidas*, coprodução entre emissoras os dois países, mas também de todas as outras telenovelas da Globo exportadas para o país.

Nas obras que retratam a imigração no século XX, é interessante observar o caminho entre o campo e a cidade e a transformação do perfil do imigrante. Enquanto no início do século, representando ainda o período de imigração de massa, o personagem português era de origem simples e sem estudos e, portanto, apto apenas aos serviços braçais do campo, a partir dos anos de 1930 esse perfil se transforma. Os imigrantes jovens já chegam ao Brasil com mais condições de competir com os brasileiros da zona urbana, instalando-se nas cidades.

De qualquer maneira, a visão repassada por meio das telenovelas de época é do imigrante como alicerce na construção do país, abdicando de seu país de origem em busca de uma vida melhor e que, em consequência de seu trabalho, ajuda no desenvolvimento da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, R. **Um panorama histórico da imigração portuguesa para o Brasil**. *Revista Arquipelago-História*. 2a. serie. Volume II, 2003, p. 173-196.
- GOMES, M. **O intertexto midiático: ficção seriada televisiva e adaptação de obras literárias**. As ideias no fluxo das mídias. *Conexão (UCS)*, v. 08, p. 92-108, 2009
- GUIMARÃES, H. **A presença da literatura na televisão**. *Revista da USP, São Paulo* (32): 190-198, dezembro/fevereiro 1996-97.
- HAMBURGER, E. **Telenovelas e interpretações do Brasil**. *Lua Nova, São Paulo*, v. 82, p. 61-86, 2011.
- JAMESON, F. **Ensayos sobre el posmodernismo**. Buenos Aires: PsiKolibro, 1989
- MOTTER, M. L. **Mecanismos de renovação do gênero telenovela: empréstimos e doações**. In: LOPES, M. I. V. (org.). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo, Loyola, 2004.
- MUJICA, C. **La telenovela de época chilena: entre la metáfora y el trauma**. *Cuadernos de Información*, 2007 [on-line]. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=97117398004>>
- RAMOS, J. M. O.; BORELLI, S. H. S. **A telenovela diária**. In: ORTIZ, R.; BORELLI, S. H. S.; RAMOS, J. M. O. **Telenovela: história e produção**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.55-108
- REIMAO, S. **Livros e Televisão: correlações**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004
- VIEIRA, N. H. **Brasil e Portugal, a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária**. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1991.